

Convívio

A construção deste trabalho ocorre em um processo que se desdobra em seu interior e em diálogos com a obra de outros artistas e leituras afins. Tais diálogos ocorrem a princípio com o mais próximo, em minha formação e atuação como estudante, artista e professor e abrem-se outros, em diferentes lugares no tempo e espaço, em leituras, viagens, conversas e visitas a ateliês, acervos e exposições.

Nesse movimento, apresentam-se questões acerca da transmissão e construção de conhecimento, no que eu elejo e cultivo, em um repertório de imagens, materiais e procedimentos, em proposições e formas de compreender e operar o desenho, a gravura e a fotografia.

Sonho da cidade que caminha para o mar

Caminho pela cidade que desenho, gravo e fotografo, e acompanha-me um sonho recorrente. Nele encontro nos limites da cidade rios que se cruzam em águas por vezes cristalinas ou turvas. Em suas margens, edificações se embaralham com a vegetação, em uma topografia de vales e montanhas. Ao percorrer a margem ou o interior do rio, deparo-me com o mar, que me surpreende ou se deixa entrever pela paisagem.

Caminho pela cidade que figuro, geralmente em percursos e lugares habituais, em trânsito ou em pausas. Procuo observar e imaginar sua topografia e natureza que irrompe e muitas vezes permanece oculta, como seus rios. O devaneio abre espaço para a invenção de figuras em que o visto e o sonhado confluem no imaginário de uma cidade, que se mostra e se oculta em seu interior.

Os percursos e lugares fazem parte de um cotidiano e, assim, tornam-se objeto recorrente de meu trabalho. Esses lugares também estão impregnados de associações com imagens do sonho e da memória, como a minha casa em relação à casa da infância. O rio surge como uma figura constante, na lembrança de um córrego que corria no fundo de um vale próximo a minha casa materna ao trabalho na cidade.

Desenho

O desenho se faz presente como um meio fundamental, praticado em folhas avulsas e em cadernos, no ateliê e na cidade, cotejado com as fotografias e gravuras. Sua agilidade e presteza soma-se à possibilidade da meditação sobre as imagens que ali se produzem, em retomadas sobre o desenhado e no desencadeamento de novos trabalhos. Portar cadernos

e lápis permite a prática do desenho em percursos e vários lugares. Essa flexibilidade vai ao encontro da possibilidade de desenhar diante do que é figurado, e das invenções de memória e devaneio.

Desenho em cadernos em formato de códex, sanfona ou folder, os quais proporcionam leituras distintas do formato, da sequência das páginas e da forma como se abrem.

Desenho figuras da árvore, do barco, do cavalo, da asa, da água, da casa, da face, da mão e do corpo tiradas de distintos lugares. Figuras de seres e lugares mobilizadas em ações de justaposição e sobreposição. Me detenho em questões sobre o interior e exterior da forma, em sua estrutura, funcionamento e crescimento. Observo relações de proporção e escala entre as partes e o conjunto, em cada figura e entre figuras.

Ao emprego dos lápis soma-se o do carvão e das tintas de desenho, particularmente da aquarela, sumi e caseína, utilizados quase sempre no ateliê, em retomadas sobre desenhos a lápis ou como primeiro instrumento de ataque. A paleta empregada é constituída de terras, azuis e preto. Exploro as relações entre luz e cor em justaposições e veladuras. O ateliê (a casa) é investido como lugar de trabalho e figura na cidade, que por sua vez, espelha-se no seu interior.

A Casa

A casa é figura presente em meu trabalho. A memória atua no cruzamento entre o observado e o lembrado, em passagens entre desenhos e gravuras, no decorrer do processo de trabalho. No desenho, a casa materna habita outras em que vivo e figuro. A esse processo mnemônico se somam imagens de sonhos recorrentes, nos quais a casa é invadida por uma luz intensa e colorida que atravessa suas portas, janelas e paredes. Outras vezes é a água que a invade, alterando sua matéria e forma.

No desenho, permeiam-se atos e imagens, na matéria e no espírito.

Debaixo da árvore, um sonho

A recorrência do desenho da árvore aproxima distintas árvores desenhadas ao longo do tempo. Goiabeira, paineira, pitangueira, limoeiro, amoreira, pé de uvaia, pinheiro. Cada uma com sua particularidade, e todas compartilhando traços em comum: o seu crescimento em eixos e ramos que se desdobram em direção ao céu e à terra.

Movimento espelhado, mostra-se e oculta-se.

A esses desenhos, aproximei a fotografia e a gravura. Faço analogias entre a figura humana e a figura da árvore, em suas estruturas, seu eixos e fluxos. Transformo as figuras singularmente e confrontadas a outras, em procedimentos de adensamentos e sobreposições nos desenhos; tratamento e impressão das fotografias; em regravações e impressões; em misturas entre os meios.

Uma árvore e uma pessoa habitam a mesma figura.

Gravura

A construção de luzes no processo de corte e impressão é o eixo de meu trabalho com a gravura e lugar da invenção de figuras. No espelhamento entre matriz e estampa a figuração é tensionada à materialidade e à estrutura da gravura. No ateliê cotejo desenhos e fotografias com matrizes e suas impressões, e regravo as matrizes e as imprimo em consecutivos estados.

Faz-se presente o interesse em explorar o processo de transformação da matriz, que gera distintas figuras, na impressão de diferentes estados assim como das variações da impressão em monotipias e em desenhos justapostos e sobrepostos às impressões. As variações instauram-se no interior do processo, funcionando como indicações para desdobramentos na gravação da matriz, ao mesmo tempo que constituem figuras significativas.

Observo também, que diferentes estados impressos de uma matriz podem se apresentar como uma figura que se transforma em seu interior e gera outras. Procuo explorar a potência dessa imagem cujos passos são afirmados em si e em devir. No cotejamento entre essas figuras, escolho as que são significativas e sustentam esse embate.

Movo-me pelo desejo de figurar e pela necessidade de compreender e potencializar as relações entre matriz e estampa. Distintas: técnica entendida como conjunto de operações necessárias para se produzir e poética, como o ato de produzir provido de finalidade, permeiam-se no fazer e significar.

Um sonho, o voo

Sonho recorrente na infância: no quintal de minha casa materna, um voo semelhante à flutuação, ao redor de uma árvore. Entusiasmado e descontrolado, desejoso e angustiado. Não sei descer. Era comum, em algumas manhãs, a dúvida, a sensação que de fato tinha voado. Esse sonho permanece, difuso, em lugar incerto, mas com a mesma sensação.

A figura do voo, em que as asas ou sua sensação são emprestados a uma pessoa, se faz presente em algumas dessas gravuras, no atravessamento entre a figura humana e da asa. Na análise da impressão e da matriz, a inquietação com a imagem e as sugestões que evoca, levam-me a transformá-la. Cogito, através das incisões com faca, goiva e formão, como se dá a intersecção entre a figura humana e a figura alada. Cruzamento inventado no corte, constituído por suas marcas traduzidas em luzes impressas. Do desejo da realização dessa figura, pratico o desenho a partir da observação da anatomia humana e de asas, e da fantasia de sua mistura.

Desenho e gravo figuras aladas.

Rios

Da imagem da infância, passando pelos sonhos, caminhadas pela cidade e observação de mapas, surge a figura do rio em meu trabalho. No projeto *Pélagos / Tamanduateí*, o rio é a questão central. Xilogravuras e palavras impressas em tipografia, produzidas especificamente para o trabalho, foram coladas na cidade, sobretudo na região das margens e várzeas margens do rio Tamanduateí, na estação de trem Brás e no Parque Dom Pedro II. Palavras e imagens foram construídas em estrutura modular, de maneira que pudessem ser compostas de diversas formas, proporcionando por meio das colagens, metamorfoses no espaço e no tempo.

Do projeto trago a imagem do rio como fluxo e metamorfose e a presença da fotografia em meu trabalho. Principiando como instrumento de registro e documentação, passei a investigar sua potência na construção de imagens, no diálogo com outros meios e no entendimento e mergulho em qualidades intrínsecas.

Fotografia

Partindo das possibilidades de registro e documentação, encontrei na fotografia um meio que abre possibilidades de significação da imagem específicos à sua linguagem. Fui de encontro a questões que lhe são próprias, do que é visto e registra-se através da lente ao trabalho com o arquivo digital, impressão e edição. Tendo como base a relação entre luz e cor na construção da imagem, a fotografia se pôs em diálogo com o desenho e a gravura.

Ao estudar os recursos de tratamento e impressão digital, revi as fotografias das colagens no Parque Dom Pedro II ao mesmo tempo que continuei a fotografar na cidade. O estudo das relações entre arquivo digital e imagem impressa em jato de tinta iluminou a questão

da fotografia enquanto construção, que se inaugura no instante do registro e destina-se à impressão. Nesse sentido, descobri potências em arquivos de fotografias já realizadas, com o uso de ferramentas de tratamento de cor e luz, definidas em um espaço-cor estruturado em matiz, saturação e luminosidade. Da mesma forma, a consciência desse processo muda a minha atitude na captura e tratamento de novas imagens. Em sua impressão, busco a tradução do arquivo em uma nova materialidade da imagem, considerando as diferenças da natureza entre cor-luz e cor-pigmento. Na conclusão do trabalho uma figura materializa-se na densidade e intensidade da tinta depositada sobre o papel, em relação a seu campo. Figura que se apresenta desde o início, permanece e se transforma em todo o processo.

A edição, como escolha de imagens que se perfazem e se articulam, e que correspondam a meus anseios e abram novas perspectivas, imbrica na construção da imagem e orienta esse trabalho. Abre também espaço para o cotejamento entre fotografias, desenhos e gravuras e experimentações misturando esses meios.

Árvore fotografada, desenhada e gravada. Três figurações distintas e que dialogam, na singularidade de cada figura e nas especificidades de cada meio. Na consideração sobre sua natureza e em sua permeabilidade encontro um leito para navegar.

A água e o barco

Na figura da água, atravessa a do barco. A água, em primeiro momento nas colagens em *Pélagos/Tamanduateí*, manifesta-se no próprio fluxo das imagens, no movimento e metamorfose das gravuras coladas nas paredes, pilares e muros. Surge também nas fotografias de rio, lago, mar e da nascente.

Nos dois momentos, a figura da água aproxima-se concretamente e metaforicamente às gravuras em metal. Como imagem de fluxo e metamorfose, anima as transformações das matrizes, da figura da janela e da mão mergulhadas na mesma luz; do barco que atravessa figuras do corpo e da árvore. Procurei tirar partido dos aspectos e intensidades das incisões em distintos procedimentos de gravação e impressão para operar a singularização e mistura de figuras. O peso da linha da ponta-seca, a variação de tempos na água-forte e o gesto do desenho a pincel, associado ao tempo de gravação na água-tinta traduzem-se em marcas impressas de intensidades distintas, que operam a construção das figuras.

No processo experimento imprimir as gravuras em metal sobre fotografias da água e da cidade. As relações de cor/luz de diferentes materialidades somam-se e cruzam-se. A cor predominante em minhas impressões de gravura em metal é o preto, mas sobre as fotografias experimento tintas com outros pigmentos. A paleta é a mesma dos desenhos, terras, azuis e pretos, posta em relação à cor da fotografia. Exploro as variações de impressão de uma matriz sobre diferentes fotografias, em relações de materialidade, cor, luz e significação.

Mar

Pés sobre a areia molhada, a água gelada cobrindo meu corpo até a barriga.

Minha atenção à imagem observada através da lente mistura-se a fragmentos de memória. Um lugar visitado desde a infância, revisto em suas transformações e permanências. O mar, sempre o mesmo, sempre outro. Em um fenômeno em constante transformação, procuro estabelecer vínculos e associar diferentes experiências no tempo, através de imagens.

O devaneio é interrompido pelo choque de uma onda contra meu corpo. Abaixo minha máquina fotográfica. Procuro e observo a criança que brinca por perto. Volto a olhar pela lente, um pássaro sobe pela garganta.

Um ser que caminha pela cidade

A figura humana permeia meu imaginário, do início de minha formação ao trabalho atual. Figuras são gravadas, impressas e regravadas, cotejadas entre si e com desenhos, em constante construção e transformação.

Questões de escala, campo e superfície atravessam essa produção e se fazem hoje presentes. Procuro uma relação de escala entre a xilogravura e a figura humana na qual aproximo as medidas da figura à de uma pessoa. Nesse sentido, trabalho com matrizes cujo tamanho permite a gravação de figuras de medidas verossímeis a uma pessoa adulta. Procuro nessa decisão aproximar a presença objetiva diante da figura à sensação de colocar-se diante de uma pessoa. A figura e os cortes que a constroem organizam-se no campo da matriz, em um procedimento no qual gravo com a faca do seu interior em direção às suas extremidades, em analogia à figuração do interior para o exterior do corpo.

Desenhos da figura humana e sua anatomia misturam-se aos de árvores, rios, asas, barcos e confluem nas xilogravuras. Tirados de observação na cidade, assim como de mapas, livros e vídeos, singularizam-se e associam-se às gravuras.

Os cortes que se sucedem - de facas, goivas e formões - na figura humana, na asa ou na árvore, que se hibridizam, operam nesse campo de tensões entre a figura e a matriz. Na impressão, revelam-se associados à qualidade da superfície da madeira, seus veios e irregularidades assim como da materialidade e campo do papel. As relações entre gravura e estampa estruturam e configuram.

Uma figura se perfaz. Posta em relação a outras, mobiliza novas manifestações acerca de um ser que caminha pela cidade, atravessa e é atravessado por diversas figuras.